

Pizetta, Adelar João 2007 “A formação política no MST: um processo em construção” en OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Año VIII, N° 22, septiembre.

Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal22/EMS22Pizetta.pdf>

Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe de la Red CLACSO
<http://www.clacso.org.ar/biblioteca>
biblioteca@clacso.edu.ar

A formação política no MST: um processo em construção

Adelar João Pizetta*

Introdução

Objetiva-se com esse subsídio, socializar alguns elementos (bem pontuais) de reflexão sobre o tema da formação política, a partir da experiência e compreensão que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) vem desenvolvendo nesses anos de história. Destacar as principais tarefas que os processos de formação em curso devem observar para o enfrentamento e avanço na luta de classes. No mesmo sentido queremos apresentar, de forma sucinta, os objetivos, o papel da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), e sua articulação com outros processos de formação, de lutas e de organização no contexto atual.

Ao longo dos mais de vinte anos de existência, o MST vem realizando um movimento de ampliação de seu processo de formação política, que acompanha a transformação pela qual deixou de ser uma organização meramente local e regional e atingiu uma dimensão internacional, a partir de sua vinculação à Via Campesina¹.

** Membro do Coletivo de Coordenação Pedagógica da Escola Nacional Florestan Fernandes e da Coordenação do Setor de Formação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).*

Neste processo, formar-se politicamente passa a ser uma obrigação e uma responsabilidade da militância em seu conjunto, de forma a garantir o fortalecimento do MST enquanto coletividade.

Salientamos que os aspectos aqui abordados são parte de um processo que estamos construindo a partir das experiências de outros movimentos e, enriquecidos com a nossa própria práxis. E, como processo está sempre sujeito a críticas, sugestões e complementos que possibilitam o avanço coletivo dessa perspectiva de formação.

A formação no MST

Desde a origem, no final dos anos setenta e início dos anos oitenta do século XX, o MST tem se defrontado com a necessidade de garantir um amplo processo de formação política para o seu quadro de militantes, desde a base acampada e assentada até seus dirigentes nacionais, com vistas a possibilitar a unidade política e ideológica, o desenvolvimento da consciência política-organizativa e a superação dos desafios impostos pela realidade.

No início, essas atividades eram realizadas em parceria com o movimento sindical e com outras organizações voltadas para o trabalho de educação popular. Entretanto, com o crescimento, o fortalecimento e o redirecionamento das ações do movimento, foi se tornando evidente a urgência de investimento em um processo e um espaço próprio de formação, que tivessem como objetivo garantir a organicidade e a articulação do MST com outros parceiros nos âmbitos nacional, latino americano e internacional, e que tivesse como ponto de partida a prática social dos Sem Terra, com suas contradições, desafios e possibilidades.

No nosso entendimento, a formação política é um processo amplo e abrangente, que se realiza integralmente, seja através de cursos, reuniões ordinárias, ações coletivas, etc. Portanto, abrange diferentes momentos e estratégias e se constrói no cotidiano das lutas empreendidas pela organização. Esse processo deve ser programado e desenvolvido para atender os diferentes níveis: base, militantes e dirigentes-quadros da organização.

Nesse sentido, dois aspectos merecem destaque: o das mulheres e da juventude. Os processos de formação devem impulsionar e qualificar o debate em torno da participação das mulheres dentro da organicidade e instâncias de coordenação e direção, elevando a participação das companheiras no interior do Movimento, bem como, possibilitar a concretização das linhas políticas em torno desta temática. No que tange à juventude, entendemos que a formação deve criar linguagens adaptadas a essa realidade, mas sempre com o enfoque no sentido da responsabilidade. Deve pensar metodologias criativas, participativas, que permitam o

desenvolvimento político da consciência, bem como o seu envolvimento no processo organizativo do Movimento. A formação deve sempre buscar comprometê-la (a juventude). É importante resgatar o papel histórico que a juventude desempenhou em muitos processos revolucionários, como forma de estimulá-la para a luta, para a organização do povo, buscando subverter a ordem burguesa estabelecida.

Os militantes se formam politicamente em todos os momentos de sua participação, desde as discussões da base de acampados e asentados até os congressos nacionais, desenvolvendo, neste cotidiano, o conjunto de habilidades necessárias para uma atuação crítica, coerente e unitária. Esse entendimento não descarta, pelo contrário, requer cada vez mais o esforço e a dedicação ao estudo sistemático e aprofundado, principalmente da filosofia, da economia política, da história e da realidade em que estamos atuando. Aqui entra a Escola Nacional Florestan Fernandes, como espaço de articulação e planejamento dessas ações formativas, como veremos mais adiante.

A formação da consciência decorre de um processo infinito e permanente de reflexão sobre a prática, e na prática, busca apropriar-se dos conhecimentos já produzidos socialmente e envolve a permanente produção e socialização dos novos conhecimentos que vão sendo gerados graças à vivência da realidade concreta, ou, melhor ainda, dos novos conhecimentos que brotam das contradições dessa realidade; conhecimentos que derivam do confronto das idéias, destas com a realidade e da realidade com as idéias. Processo de produção e reprodução do conhecimento da realidade que assumiu o compromisso de desejar decifrá-la, não apenas para compreendê-la, mas no intuito de transformá-la.

É o movimento das massas que determina o ritmo e a necessidade da formação. Nos momentos de descenso deste movimento, é muito comum que se esqueça da formação e do trabalho ideológicos, tomados pelo sentimento de apatia. Neste sentido, nos questionamos: como formar quadros no descenso do movimento de massas como o que estamos vivendo a mais de uma década?

Recuperamos a idéia de que o processo de formação de quadros deve contribuir para formar e construir força social e política, isto é, ajudar a organizar o povo. É um requisito fundamental para acumular força. A formação se constrói então como um conceito de política, preparada e implementada de forma dialética, articulando os diferentes saberes e níveis, com princípios, valores que colaboram na construção do projeto político com objetivos estratégicos.

Para tanto, é importante entender a formação no âmbito da dinâmica da luta de classes no momento atual e, a partir dessas contradições, estabelecer as tarefas que competem à formação.

Principais tarefas dos processos de formação

De um modo geral, podemos dizer que a tarefa dos processos de formação, planejados e desenvolvidos nos diversos movimentos e organizações de classe, consiste em ajudá-los a alcançar os seus objetivos de curto, médio e longo prazo. Para tanto, afirma a prioridade da interpretação adequada da realidade para que esses movimentos e organizações possam propor e assumir os encaminhamentos políticos dotados de maior possibilidade de acerto, seja no que concerne à realização dos objetivos imediatos, seja no que concerne aos objetivos estratégicos de longo alcance, isto é, os da revolução.

Em primeiro lugar, os que se propõem o objetivo de transformar a sociedade capitalista contemporânea, como é o caso do MST, precisam assumir a necessidade de conhecer a formação, os fundamentos e as contradições do capitalismo e do imperialismo na sua fase atual. Além de economia política precisam entender de geopolítica e de geo-economia para poder analisar e interpretar como o capitalismo se atualiza e se desenvolve no Brasil e na América Latina.

Em segundo lugar, os processos de formação precisam contribuir para a compreensão dos impasses atuais da sociedade brasileira de modo a poder propor, aquilo do qual, há décadas, nosso país está mais carente, isto é, de um projeto histórico de nação. Ora, um tal projeto supõe assumir uma perspectiva de análise da sociedade brasileira tendo em vista depreender suas mais fortes tendências econômicas, sociais e políticas. Portanto, uma perspectiva de análise que exige conhecimento de história, da formação econômica, política, cultural e religiosa do nosso povo. Uma perspectiva que afirma que somos o resultado de um processo histórico repleto de contradições, de lutas e de exclusões determinadas por uma forma de produção capitalista selvagem, como dizia nosso mestre Florestan Fernandes.

Mas, mais ainda, uma perspectiva socialista que busca e afirma as potencialidades e as possibilidades que ainda não podemos viver porque, graças à forma de dominação autocrática burguesa, o povo brasileiro foi expulso do espaço político da plena cidadania e ainda não se tornou dono do seu destino.

Em terceiro lugar, está a necessidade de construir um instrumento político da classe trabalhadora que assuma a tarefa de dirigir o processo da revolução brasileira. Muito provavelmente, várias serão as organizações e os movimentos de luta dos trabalhadores no Brasil. A afirmação da presença política dos trabalhadores é prioritária porque, como vimos, a força da classe está em seu nível de consciência, de organização e na sua disposição para travar as lutas, não só aquelas do seu interesse ime-

diato, mas, especialmente, as lutas que correspondem aos seus interesses de longo prazo. Para avançar nessa direção, precisamos criar o instrumento revolucionário que assuma a função de organização, de formação, de mobilização e de direção do processo.

Em quarto lugar, a formação deve contribuir para uma melhor avaliação das várias possibilidades de alianças entre os diferentes setores da classe trabalhadora. Alianças que não podem ser

«Em quarto lugar, a formação deve contribuir para uma melhor avaliação das várias possibilidades de alianças entre os diferentes setores da classe trabalhadora»

apenas de cúpula, meras alianças estabelecidas nos documentos, mas que precisam ocorrer nas lutas concretas, pois, são elas que vão contribuir para o acúmulo de forças e para o desenvolvimento da consciência de classe. Nesse sentido, é importante fortalecer as diferentes iniciativas que já estão sendo construídas atualmente na

sociedade brasileira porque são alianças que superam as concepções corporativistas que tanto têm enfraquecido as lutas pelos interesses de longo prazo da classe trabalhadora em seu conjunto.

Em quinto lugar, é necessário avançar na pedagogia de massas procurando envolver especialmente os setores da juventude, que, hoje, está alienada e quase sem nenhuma perspectiva de inserção no mercado de trabalho nessa fase altamente excludente do capitalismo neoliberal. Precisamos avançar no método de trabalho de base; no método de organização e de direção; na formação permanente de militantes e de dirigentes dos diferentes movimentos sociais; nas formas de comunicação com a base e com a massa. Em suma, precisamos criar uma forma diferente de trabalho político recorrendo às linguagens adequadas e eficientes para fazer avançar a organização da classe, potencializando as lutas de massas.

Em sexto lugar, realçamos a possibilidade do próprio processo de formação contribuir para a produção de uma nova cultura, que seja capaz, já agora no presente, de criar outras relações sociais e

novas relações com a natureza que não aquelas impostas pela produção capitalista; uma cultura que propicie a vivência de novos valores. Enfim, a formação precisa contribuir para a criação de uma cultura que contenha as sementes da nova sociedade socialista. Uma cultura que busque emancipar as pessoas, que desenvolva a sua capacidade criativa e imaginativa tornando-as, como já dissemos, *arquitetas do seu próprio destino*.

Em sétimo lugar, esses processos devem contribuir para a formação de revolucionários, sujeitos com elevado nível de conhecimentos especializados e de cultura humanística. Sujeitos dotados de capacidade teórica e prática para interpretar a realidade e a partir dela, de forma coletiva, desenvolver a práxis transformadora das condições objetivas e subjetivas. O domínio teórico (marxismo) deve se tornar uma chave de abertura das portas por onde há de passar a práxis revolucionária da qual devemos nos tornar portadores.

A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)

Talvez as palavras não consigam transmitir o verdadeiro significado da ENFF, ou seja, não é fácil explicá-la, defini-la, principalmente por seu caráter, por sua função no MST, que foge das concepções tradicionais de Escolas. Por isso, vamos destacar alguns aspectos que estão relacionadas ao seu caráter, aos seus objetivos.

A ENFF, inaugurada em janeiro de 2005, surge com o propósito de pensar, programar, planejar, organizar e desenvolver a formação política e ideológica dos militantes e dirigentes do conjunto do MST. Ela passa a ser um (não o) espaço de articulação das inúmeras iniciativas e experiências que estão em curso nos estados e articuladas pelos diferentes setores de atividades no MST, no sentido de buscar uma maior unidade e qualificar essa práxis. Para tanto, deve primar pelo estudo científico, e reflexão da prática política e organizativa dos membros e da organização, e contribuir na elaboração de táticas e estratégias de ação nas diferentes áreas.

Além disso, a Escola também está aberta e busca desenvolver atividades, ações que integrem outros movimentos sociais e populares, rurais e urbanos da sociedade brasileira e também da América Latina e Caribe. Esse caráter mais aberto é extremamente importante nesse momento em que se desenvolvem redes, articulações e movimentos continentais de enfrentamento das políticas neoliberais e imperialistas. A formação é fundamental para entender esses processos em curso, e, fortalecer os laços de unidade, de solidariedade e de articulação dos povos dos nossos países, afetados por essas políticas.

A ENFF deve ainda, ser uma ponte na construção da solidariedade nacional e internacional, na construção de uma nova ordem

mundial, baseada em novos valores, humanistas e solidários. Pretende não ser apenas espaço para os Sem Terra mas, para a classe trabalhadora, para os movimentos sociais e políticos que entendem que sem formar quadros não conseguiremos alcançar os objetivos estratégicos.

Outra característica importante da Escola é que não se restringe ao seu espaço geográfico, tampouco a estrutura física –prédio somente. A ENFF é um conjunto de ações políticas e formativas-pedagógicas, organizadas e realizadas pelo Movimento, independentemente do local e momento da sua realização. Essas atividades também podem ser em parceria, convênios com outros centros de educação e formação, institutos de ensino, tanto do Brasil como localizados em outros países.

Nesse sentido, a ENFF não pode estar presa às questões conjunturais, ela é orgânica, mas deve estar voltada para a estratégia, para preparar a formação para os próximos anos, pois, para formar precisa tempo, precisa planejamento. Deve estar articulada com o debate político das organizações, com as lutas táticas e imediatas, mas numa perspectiva estratégica, de horizonte socialista.

É, portanto, um processo dinâmico, dialético, que vai sendo construído no cotidiano, tendo a compreensão, de que a formação possa ser toda a ação desenvolvida pela Organização. Isto é, os espaços-momentos de cursos, seminários, encontros (estudos científicos da teoria da revolução, da realidade, da metodologia do trabalho popular, da história, da filosofia, da economia, etc), necessariamente devem estar vinculados com os problemas orgânicos, colados com o momento histórico que estamos vivendo, onde o processo da práxis seja um permanente agir e pensar de todos os dirigentes e militantes.

Em relação ao método de análise, estudo e interpretação da história, da realidade e das possibilidades de mudanças, a ENFF, adota como fundamento, o método dialético e o materialismo histórico, com todo o legado marxista em desenvolvimento na história. A questão central é potencializar as iniciativas de lutas e organização da classe trabalhadora para enfrentar o imperialismo, a classe dominante, no Brasil, na América Latina e em nível Internacional, construindo as possibilidades de ruptura com essa ordem capitalista mundial. Para isso é necessário conhecer profundamente esse contexto utilizando um método que “desvele” o que está escondido atrás das aparências, isto é, mostre as verdadeiras contradições que precisam ser superadas.

Principais objetivos da ENFF

A partir do acima já exposto, das demandas existentes no estágio atual do desenvolvimetro da organização dos trabalhadores, de forma resumida, podemos dizer que a ENFF se propõe a:

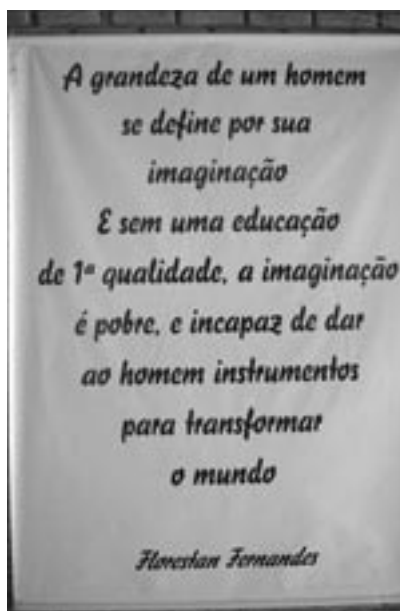
- Impulsionar, através de suas ações, o desenvolvimento da consciência política/organizativa dos militantes e dirigentes envolvidos nos processos de lutas e organização, fortalecendo-as, tanto nos aspectos internos do MST como de outros movimentos que se articulam no continente.
- Organizar e promover atividades de formação com caráter de estudo, reflexão, análises e debates sobre temas conjunturais e estratégicos, em que estes poderão ser realizados em parcerias com instituições de ensino Superior ou outras entidades e movimentos de diversas partes do mundo, priorizando a articulação latino-americana.
- Formar quadros políticos para o conjunto da classe trabalhadora, independente do setor ou área de atuação dos militantes. Ser também um espaço de articulação e intercâmbio com movimentos da Via Campesina, CLOC, movimentos sociais urbanos da América Latina e Caribe, sempre na perspectiva da transformação social.
- Utilizar-se do conhecimento científico para fortalecer e obter maior clareza sobre os princípios políticos, organizativos, zelando sempre pela unidade política e ideológica do Movimento.
- Contribuir na busca de soluções para os desafios que a organização enfrenta. Por isso não pode ser uma escola voltada para manuais e programas de formação estáticos. Devem ser dinâmicos, no entanto mantendo sempre o rigor científico e as linhas políticas da organização.
- Desenvolver análises profundas sobre a realidade, tanto local, como geral, tendo como meta a qualificação do (dos) instrumentos (organização e lutas), visando a transformação das realidades em que os dirigentes atuam.
- Fazer o registro e memória das lutas pela reforma agrária, das lutas dos povos do mundo, em especial da América Latina, assim como das análises e proposições políticas dos diferentes movimentos e redes que atuam no continente.
- Desenvolver seminários de troca de experiências, estudos e definições comuns, entre os diferentes movimentos e centros de educação popular que atuam no continente latino-americano, analisando as diferentes teorias pedagógicas, as diferentes concepções de for-

mação enriquecendo as particularidades de cada uma, na busca de uma formação integral dos militantes e dirigentes que estão envolvidos nos processos de educação popular e formação política.

Por último

Como se pode perceber, atribuímos uma certa importância às idéias porque está posta a necessidade de nos desembaraçarmos das armadilhas do economicismo evolucionista onde as tendências da esquerda internacional sucumbiram.

Acreditamos que a teoria é capaz de indicar, sob as novas condições históricas, os caminhos propiciadores do renascimento e do avanço da chama revolucionária que fará avançar a luta de classes. *É claro que esse avanço só ocorrerá graças às ações concretas e através da própria classe trabalhadora e das suas lutas.* Contudo, essas lutas precisam estar suportadas numa teoria que lhes indique as tendências, as possibilidades, as direções; caso contrário, a prática dessas lutas pode se tornar capenga ou, o que é pior, pode não conseguir avançar com toda a sua potencialidade.



..... © Archivo OSAL

Entendemos que, para transformar a realidade, é necessário saber interpretá-la. E, como bem nos alertou Florestan Fernandes: “os ‘fatos’ não falam por si mesmos. É preciso interrogá-los e, para isso, é indispensável algum domínio do quadro teórico”.

Embora na conjuntura atual o campo das lutas das classes revele que não estamos em época de colheita, ainda assim, e por isso mesmo, podemos semear e plantar. Semear consciências; criar e espalhar conhecimentos, valores morais e éticos. É tempo de preparar a terra, tempo do cultivo, tempo do cuidado com as sementes que germinam, na esperança de que vinguem e produzam bons frutos. Essa é a única garantia de que não nos frustraremos com o volume e a qualidade da colheita.

Na nossa compreensão, o avanço no nível teórico do Movimento é fundamental para nos prepararmos e qualificarmos para en-

frentar os embates que teremos pela frente. Nesse sentido, o estudo, a reflexão é fundamental, é uma necessidade da práxis política organizativa, uma necessidade na luta de classes. Luta melhor quem tem mais conhecimento do terreno onde essas lutas se desenvolvem e dos inimigos que toca enfrentar e combater.

A articulação com outros setores e movimentos sociais do Brasil, da América Latina e do mundo, é fundamental para fortalecer essas lutas, essas organizações e os processos de formação em marcha. Sem conhecimento profundo da realidade se torna difícil desenvolver as lutas por sua transformação.

Buscando um caminho diferente daquele trilhado pela esquerda no Brasil e em outras partes do mundo até hoje, nós também podemos não triunfar; ainda assim, confiamos que vamos poder legar ao povo brasileiro, latino-americano, às futuras gerações, não só novos problemas, mas, também, novos valores, novos comportamentos. Que façamos apenas isso, já não teremos passado em branco, nem teremos vivido em vão.

Nota

1 O MST foi um dos fundadores da Via Campesina, em 2004, que congrega movimentos sociais camponeses e indígenas de todo o mundo, com a intenção de promover a articulação internacional e de descobrir as mudanças de funcionamento do capital e suas empresas, para poder desenvolver novas formas de luta, nos diversos movimentos, nos países e a nível internacional.

Cómo citar este artículo

Pizetta, Adelar João 2007 "A formação política no MST: um processo em construção" en *OSAL* (Buenos Aires: CLACSO) Año VIII, N° 22, septiembre.

Palabras clave

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, formação política, Escola Nacional Florestan Fernandes, lutas sociais, Brasil.